



Educação Física e a Escola: Diálogos Contemporâneos entre Corpo, Cultura, Emancipação no Contexto da BNCC

Physical Education and School: Contemporary Dialogues Between Body, Culture, and Emancipation in the Context of the BNCC

Thiago Aparecido Vieira

Resumo: O presente estudo analisa a abordagem cultural da Educação Física como fundamento teórico e metodológico do ensino na escola contemporânea, destacando suas contribuições para a formação crítica, cidadã e emancipatória dos estudantes. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada na literatura da área e em documentos curriculares oficiais. O objetivo deste estudo foi analisar as contribuições da abordagem cultural da Educação Física para o ensino na escola contemporânea, considerando seus fundamentos teóricos e suas implicações pedagógicas. Os resultados sugerem que essa abordagem amplia o papel pedagógico da área, transformando o professor em mediador de culturas e o aluno em sujeito ativo, produtor de saberes e sentidos. Conclui-se que a Educação Física cultural reafirma o papel da escola como espaço de pluralidade, diálogo e humanização, contribuindo para a construção de uma prática pedagógica crítica, inclusiva e contextualizada.

Palavras-chave: educação física; corpo; cultura; BNCC.

Abstract: This study analyzes the cultural approach to physical education as a theoretical and methodological foundation for teaching in contemporary schools, highlighting its contributions to students' critical, civic, and emancipatory development. It is a qualitative literature review based on the relevant academic literature and official curriculum documents. The objective of this study is to analyze the contributions of the cultural approach to Physical Education to teaching in contemporary schools, considering its theoretical foundations and pedagogical implications. The results suggest that this approach broadens the pedagogical role of the field, transforming the teacher into a mediator of cultures and the student into an active agent who produces knowledge and meaning. It is concluded that cultural Physical Education reaffirms the role of the school as a space for plurality, dialogue, and humanization, contributing to the development of a critical, inclusive, and contextualized pedagogical practice.

Keywords: physical education; body; culture; BNCC.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Educação Física escolar no Brasil passou por profundas transformações teóricas, pedagógicas e metodológicas, que alteraram de forma significativa sua identidade, propósitos e signos dentro do contexto educacional. De uma prática historicamente associada à aptidão física, à saúde e ao desempenho motor, a área evoluiu para uma perspectiva ampla, crítica e humanizadora. Essa mudança não ocorreu de forma repentina, mas foi resultado de um movimento

histórico que envolveu disputas conceituais, revisões epistemológicas e a busca por um sentido educativo que transcendesse o simples “fazer corporal”. Nessa perspectiva, a abordagem cultural da Educação Física emergiu como uma das mais consistentes contribuições teóricas para repensar o papel do corpo e do movimento na formação humana integral.

Podemos observar, de maneira clara, que discussões nesse sentido podem ser observadas, também, no cenário internacional. Kirk (2010) e Tinning (2010) destacam a necessidade de superar modelos tradicionais e engessados de ensino, centrados na reprodução de técnicas e no desempenho motor, trazendo à luz propostas pedagógicas que valorizem aprendizagens significativas, a reflexão crítica e a formação integral dos estudantes.

A Educação Física, em seu percurso histórico, esteve fortemente ligado a modelos biologicistas, militaristas e esportivistas, especialmente durante o século XX. A ênfase no rendimento físico e na padronização dos gestos corporais refletia uma concepção tecnicista da educação, que reduzia o aluno a um corpo a ser treinado e moldado. De acordo com Bracht (1999), essa visão instrumental do corpo foi reproduzida por décadas, afastando a Educação Física de um projeto pedagógico emancipatório. A partir das críticas levantadas nos anos 1980 e 1990, diversos autores passaram a questionar o caráter reprodutivista dessas práticas, propondo novas formas de compreender o fenômeno do movimento corporal. Diante desse cenário, surgem as abordagens culturais, que passam a valorizar o corpo como construção simbólica, social e histórica.

Podemos compreender, portanto, que a Educação Física cultural representou uma ruptura com os conceitos puramente biologicistas. Marcos Neira, um dos principais pensadores da Educação Física, defende que a área deve assumir a tarefa de compreender e problematizar as práticas corporais como manifestações culturais, carregadas de sentidos e valores produzidos socialmente (Neira, 2021). Essa compreensão amplia o papel da Educação Física na escola: de disciplina voltada ao movimento técnico, ela passa a ser reconhecida como campo de conhecimento responsável por favorecer a leitura crítica do mundo, o reconhecimento das identidades e o diálogo entre culturas. O corpo, nesse contexto, passa a ser compreendido como linguagem e expressão simbólica, através da qual se articulam experiências, saberes e modos viventes no mundo. Essa visão vai ao encontro dos pensamentos de Evans (2004), destacando que as práticas corporais são construções sociais e culturais, sendo atravessadas por relações de poder e significados, reafirmando a importância do ensino da Educação Física comprometido com a formação crítica, ampla e contextualizada.

A obra *Metodologia do Ensino de Educação Física* – uma das mais importantes para a emancipação cultural da Educação Física – (Coletivos de autores, 1992) já colocava em pauta a discussão de uma Educação Física comprometida com a transformação social. A obra tornou-se marco teórico e metodológico ao defender que o movimento humano deve ser analisado sob o prisma histórico e cultural, considerando a influência das condições materiais de existência na formação do sujeito. Assim, a Educação Física não é neutra no processo de ensino/aprendizagem,

mas reflete e produz significados e signos que expressam as relações de poder, valores e ideologias em que está inserida. Nessa linha, o ensino do esporte, da dança, das lutas, dos jogos e da ginástica deve ser compreendido como mediação cultural, e não somente reprodução técnica.

Ao incorporar o contexto cultural, a Educação Física assume uma função política e formativa. O professor passa a atuar como mediador cultural, que seleciona e problematiza as manifestações corporais com base em sua relevância social e educativa. Segundo Darido (2021), essa compreensão exige uma postura docente reflexiva, capaz de superar o ensino centrado na execução de movimentos e promover experiências que estimulem o pensamento crítico, a empatia e a compreensão do mundo. Essa ideia dialoga com as contribuições de Devís-Devís (1996), ao defender que a educação possibilite aos estudantes uma compreensão crítica de suas práticas dentro da escola. Nessa perspectiva, o aluno é reconhecido como sujeito histórico, ativo e criador de cultura — um ser que aprende não apenas a reproduzir, mas a criar, pensar e ressignificar com e através do corpo, em diálogo constante com o meio e com os outros.

Em termos documentais oficiais, a Base Nacional Comum Curricular -BNCC (Brasil, 2018) buscou consolidar, no cenário educacional brasileiro, essa concepção mais ampla da Educação Física. O documento define o componente como área de conhecimento responsável por introduzir os estudantes nas diversas práticas corporais, compreendendo-as como fenômenos culturais dinâmicos, que integram diferentes dimensões da experiência humana: corporal, cognitiva, afetiva, social e ética. Assim, as práticas corporais — como os jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas e brincadeiras — devem ser tratadas como patrimônios culturais, que possibilitam aos alunos compreender e valorizar as diferentes formas de expressão e interação presentes na sociedade.

Essa perspectiva dialoga com os princípios da abordagem cultural da Educação Física, ao reconhecer a escola como espaço de produção e ressignificação cultural. Para Neira (2021), a educação deve oportunizar aos alunos o direito de conhecer e reinterpretar as práticas corporais de sua comunidade, promovendo um processo de empoderamento cultural. Trata-se, portanto, de uma proposta educativa que valoriza a pluralidade, a diversidade e a criticidade — fundamentos indispensáveis em uma sociedade marcada por desigualdades e exclusões.

Contudo, a implementação efetiva dessa abordagem no cotidiano escolar ainda enfrenta desafios significativos. A ausência de políticas públicas consistentes, a sobrecarga docente, a falta de formação continuada e a resistência de alguns profissionais à mudança de paradigma dificultam a consolidação de uma Educação Física verdadeiramente cultural e crítica. Ainda é comum encontrar práticas centradas na competição, na disciplina física e no rendimento, em detrimento da reflexão e da produção de sentidos. Nesse cenário, o papel do professor se torna decisivo: é ele quem pode transformar o espaço da aula em ambiente de diálogo, reconhecimento e valorização das experiências corporais dos alunos.

A presente investigação, de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, parte justamente da necessidade de compreender os fundamentos e as implicações da

abordagem cultural da Educação Física na escola contemporânea. O objetivo deste estudo foi analisar as contribuições da abordagem cultural da Educação Física para o ensino na escola contemporânea, considerando seus fundamentos teóricos e suas implicações pedagógicas. Pretende-se, assim, contribuir para o debate sobre o papel da Educação Física como prática cultural e emancipatória, capaz de promover aprendizagens significativas e de afirmar o corpo como território de conhecimento, identidade e resistência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem cultural da Educação Física representa um dos marcos mais significativos na renovação do pensamento pedagógico da área nas últimas décadas. Ela se insere no conjunto das teorias críticas que emergiram a partir dos anos 1980, em oposição às perspectivas tradicionais que tratavam o corpo como máquina, o movimento como técnica e o ensino como transmissão de gestos padronizados. De acordo com Bracht (1999), a Educação Física, durante boa parte do século XX, foi orientada por finalidades externas à educação — saúde, disciplina militar, produtividade ou rendimento esportivo —, distanciando-se de sua função humanizadora e de seu potencial formativo. O nascimento da perspectiva cultural surge como reação a esse pensamento reducionista, propondo uma reinterpretação do movimento corporal como fenômeno cultural.

A obra *Metodologia da Educação Física* (Coletivo de autores, 1992) foi uma das pedras angulares para essa nova visão no campo educacional. A proposta metodológica pode ser considerada um divisor de águas, ao afirmar que o ensino da área deve articular três dimensões indissociáveis: a biológica, a social e a histórica. O corpo, segundo os autores, é o ponto de encontro entre essas dimensões — é simultaneamente natureza e cultura, biologia e história. O movimento humano, portanto, não é um ato neutro: ele expressa significados, valores e intenções que se transformam de acordo com o contexto social em que se inserem. As aulas de Educação Física devem, assim, promover a leitura crítica dessas manifestações corporais, favorecendo a compreensão do mundo e o desenvolvimento da consciência social.

Nessa perspectiva, o aluno é visto como sujeito histórico e produtor de cultura. Ao vivenciar diferentes práticas corporais — esportes, danças, lutas, jogos ou ginásticas —, ele não apenas reproduz técnicas, mas cria, interpreta e ressignifica o movimento. Como destaca Darido (2021), a Educação Física cultural busca formar sujeitos críticos e reflexivos, capazes de compreender que as práticas corporais são construções humanas permeadas por valores éticos, estéticos e políticos. Essa concepção rompe com o ensino centrado na técnica e no desempenho, dando lugar a uma prática que privilegia a significação e a expressão.

Ainda nessa linha de raciocínio, Marcos Neira — dos principais articuladores contemporâneos dessa abordagem — defende que a Educação Física deve se assumir como campo de produção cultural, cuja função é proporcionar aos alunos a

leitura, a interpretação e a ressignificação das manifestações corporais (Neira, 2021). O conceito de cultura corporal de movimento é central em sua teoria: ele expressa a ideia de que o corpo é veículo de comunicação e identidade, e o movimento, uma forma de linguagem. O ensino, nesse sentido, deve partir da experiência dos alunos, valorizando seus saberes, contextos e práticas.

Para Neira (2021), a aula de Educação Física deve ser um espaço de diálogo entre diferentes culturas corporais, no qual se estabeleça uma relação horizontal entre o conhecimento científico e o saber popular. As práticas corporais não são apenas conteúdos a serem ensinados, mas objetos culturais que podem ser analisados criticamente, problematizados e transformados. Essa visão propõe uma educação que vai além do aprender a fazer: trata-se de aprender a compreender o que se faz, por que se faz e com que implicações sociais e simbólicas se realiza o movimento.

Encontramos em Bracht (2011) a visão de que o ensino da Educação Física na escola não tem o papel de formar atletas ou aprimorar corpos, mas de contribuir para a construção da cidadania e da consciência crítica. As aulas de Educação Física, sob esse prisma, são locais de emancipação, onde se pode problematizar a realidade social a partir da corporeidade. Ao vivenciar, discutir e ressignificar as práticas corporais, o aluno aprende a reconhecer a multiplicidade de culturas e a questionar as hierarquias impostas pelos discursos de poder que historicamente definiram o que é um corpo ideal, um movimento correto ou, até mesmo, uma prática legítima.

Ainda nesse sentido, Betti (2020) defende que a Educação Física deve se libertar da função de mera atividade prática, assumindo-se como área de conhecimento comprometida com o desenvolvimento integral. Para o estudioso, o corpo é um texto social, e o movimento, uma forma de narrativa que comunica desejos, experiências e visões de mundo. Ensinar Educação Física, portanto, é alfabetizar o corpo — é ensinar o aluno a ler e a escrever com o movimento, a interpretar os gestos que a sociedade produz e a criar novas formas de expressão. Essa compreensão ressoa com as ideias de Freire (2020), em que toda educação é ato de libertação e de diálogo. O corpo, nesse contexto, é instrumento de consciência e de transformação social. Os estudiosos encontram diálogo com as afirmações de Arnold (1979) ao defenderem o movimento humano como agente direto na educação, com a capacidade de promover experiências essenciais para a formação integral do aluno na sociedade.

A BNCC (Brasil, 2018), enquanto documento curricular oficial, reconhece essa linha de raciocínio ao afirmar que o objetivo da Educação Física é “aproximar os estudantes das práticas corporais como produções culturais e reconhecer seus significados sociais, históricos e regionais”. A compreensão de práticas corporais no documento supracitado substitui a antiga ideia de conteúdos motores que sempre foram apresentados, expressando uma mudança paradigmática que alinha o documento às abordagens críticas. O currículo passa a ser orientado por seis unidades temáticas: jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, as quais devem ser tratadas de modo contextualizado,

crítico e inclusivo. Assim, o ensino da Educação Física não busca perfeição técnica nem moldar corpos atléticos, mas dialogar com as experiências corporais que compõem o repertório cultural dos alunos e de suas comunidades.

Todavia, autores como Neira (2021) e Neira e Nunes (2022) apontam críticas ao documento normativo e, como o mesmo se relaciona com a Educação Física, sugerem que, embora o documento reconheça a dimensão cultural do corpo, ainda adota uma lógica prescritiva, orientando-se mais ao cumprimento das competências do que à reflexão propriamente dita. Contudo, esse manuscrito não se propõe ao aprofundamento desse debate, e sim a considerar a BNCC como uma diretriz normativa para o planejamento pedagógico.

Retomando a discussão, a abordagem cultural propõe, ainda, uma revisão do papel docente. O professor deixa de ser um transmissor de técnicas e assume o papel de mediador cultural, responsável por promover situações de aprendizagem que estimulem a reflexão, a autonomia e a criação. Como observa Darido (2021), isso exige do educador uma postura investigativa e sensível à diversidade, bem como o pensamento de Pereira, Silva e Ludorf (2022), que afirmam que o professor necessita estar em constante diálogo com as práticas pedagógicas que são apresentadas à escola. Sendo assim, é necessário compreender as práticas corporais como linguagens plurais que expressam modos de vida, valores e identidades. Nessa linha, o planejamento pedagógico deve contemplar atividades que favoreçam a problematização da realidade, o diálogo entre culturas e a valorização do corpo como território de saber.

Do ponto de vista epistemológico, a Educação Física cultural também se fundamenta na teoria crítica da sociedade e na pedagogia freireana. Essa abordagem reconhece que todo conhecimento é situado e histórico, e que a educação deve promover a leitura do mundo primordialmente. Assim, o corpo pode ser compreendido como promotor dessa leitura e a aula de Educação Física, como espaço da compreensão das dimensões corporais. Por meio do movimento, os alunos podem expressar sua visão de mundo, questionar práticas e afirmar identidades.

Seguindo nessa linha, a dimensão cultural da Educação Física também deve-se atrelar às perspectivas da educação inclusiva e da diversidade. Ao reconhecer que não existe uma única forma legítima de mover-se, a abordagem cultural rompe com padrões normativos de corpo e de performance; segundo Miranda, Silva e Martis (2023), superar paradigmas da sociedade e introduzir a modificação de pensamento dentro do ambiente escolar em torno da educação inclusiva devem ser difundidos pela Educação Física. Valorizando as diferenças, legitimando múltiplas expressões corporais e combatendo práticas discriminatórias, postura que contribui diretamente para o desenvolvimento das competências socioemocionais, como empatia, respeito à diversidade e responsabilidade social.

Em síntese, a fundamentação teórica evidencia que a Educação Física cultural propõe uma ressignificação profunda do ensino, ao compreender o corpo e o movimento como expressões da cultura humana. Sua contribuição reside na possibilidade de articular o conhecimento corporal ao conhecimento social,

promovendo aprendizagens que envolvem o sentir, o pensar e o agir. Ao integrar essas dimensões, a abordagem cultural consolida-se como uma das mais potentes vertentes teóricas para uma Educação Física crítica, reflexiva e emancipatória.

METODOLOGIA

O presente estudo, com a natureza de revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamenta-se em pensadores consolidados da área de Educação Física e das ciências humanas, com o objetivo de analisar criticamente as contribuições da abordagem cultural para o ensino da Educação Física na escola contemporânea. Optou-se por essa metodologia por compreender que o fenômeno investigado — o ensino da Educação Física enquanto prática cultural — envolve interpretações simbólicas, valores e representações que não podem ser reduzidos a indicadores quantitativos.

Dessa forma, o presente artigo realiza uma análise interpretativa das produções de autores consolidados como Neira (2021), Darido (2021), Bracht (2011), Betti (2020), Freire (2020) e Coletivo de Autores (1992), além de documentos normativos, como a Bncc (Brasil, 2018) e artigos científicos.

A análise foi conduzida a partir de três eixos interpretativos: a) A redefinição epistemológica do corpo e do movimento no contexto da Educação Física cultural; b) As implicações pedagógicas da abordagem cultural no ensino escolar; c) O papel da Bncc e das políticas educacionais na consolidação dessa perspectiva crítica e emancipatória.

Esses eixos orientaram a leitura e a síntese das fontes, possibilitando a formulação de reflexões teóricas sobre a importância da abordagem cultural como instrumento de formação integral, crítica e cidadã.

Análise e Discussão dos Resultados

A análise dos referenciais teóricos e documentais evidencia que a Educação Física cultural constitui uma resposta às limitações históricas das abordagens tradicionais e tecnicistas. Ao propor uma nova leitura do corpo e do movimento, ela redefine o sentido do ensino, deslocando o foco da técnica para a compreensão cultural das práticas corporais. Essa transição implica uma profunda mudança na identidade da disciplina, que deixa de ser um espaço de treinamento para tornar-se um espaço de produção de sentidos e de crítica social.

De acordo com Neira (2021), a função central da Educação Física na escola é interpretar a cultura corporal de movimento, permitindo que os alunos reconheçam as práticas corporais como produções humanas e como formas de linguagem social. Essa perspectiva amplia o horizonte da aprendizagem, pois o estudante não apenas executa movimentos, mas compreende suas origens, seus valores e seus impactos sociais. Assim, o ato de jogar, dançar ou lutar torna-se também um ato de reflexão e construção de significados.

O Coletivo de Autores (1992) reforça que a Educação Física deve assumir compromisso com a transformação social. A prática docente, nesse contexto, é orientada pela crítica à alienação e à desigualdade, entendendo que o corpo, historicamente disciplinado e controlado, pode tornar-se instrumento de emancipação. O movimento, então, deixa de ser mera atividade física e passa a ser expressão da experiência humana em sua totalidade — histórica, estética e política.

Na perspectiva de Bracht (2011), a Educação Física cultural contribui para o desenvolvimento de uma consciência corporal crítica, que permite ao aluno compreender como as relações de poder atravessam o corpo e o condicionam. Essa consciência é indispensável para que o estudante perceba o corpo como território de resistência e de criação. Assim, as práticas corporais escolares não se limitam a ensinar gestos ou regras, mas a promover a autonomia, o diálogo e a compreensão do mundo.

Essa postura pedagógica encontra respaldo na Bncc (Brasil, 2018), que reconhece o corpo como linguagem e o movimento como forma de interação e produção cultural. O documento enfatiza que a Educação Física deve desenvolver, nos alunos, competências relacionadas à empatia, à responsabilidade e à valorização da diversidade. Isso significa que o ensino deve contemplar experiências corporais que reflitam diferentes realidades e contextos, rompendo com a lógica homogeneizadora das práticas padronizadas.

A compreensão da Educação Física como componente cultural possibilita, ainda, a emancipação do sujeito, problematizando conceitos de vida e manifestações da sociedade na qual está inserido, construindo narrativas sobre seu próprio mundo e se posicionando criticamente (Maldonado, 2024).

Nesse sentido, a Educação Física se consolida como uma prática pedagógica inclusiva e plural, pois legitima diferentes modos de mover-se, de sentir e de estar no mundo. Em vez de impor padrões corporais e técnicos, ela reconhece o valor das expressões populares, tradicionais e contemporâneas, abrindo espaço para que cada aluno se reconheça nas experiências corporais propostas. Isso favorece não apenas o desenvolvimento motor, mas também o fortalecimento da identidade, da autoestima e do pertencimento social.

Do ponto de vista docente, a abordagem cultural exige um novo perfil de professor — crítico, reflexivo e comprometido com a formação humana. O educador torna-se mediador de culturas, articulando o conhecimento científico com as vivências dos alunos. Essa mediação requer planejamento, intencionalidade e escuta sensível, de modo que a aula de Educação Física seja um espaço de diálogo entre diferentes saberes. Como destaca Darido (2021), o desafio do professor contemporâneo é transformar a aula em ambiente de aprendizagem significativa, no qual o corpo seja valorizado como sujeito do conhecimento.

Contudo, a efetivação dessa perspectiva ainda enfrenta desafios estruturais e culturais. Muitos currículos escolares mantêm resquícios das práticas tecnicistas, e a falta de políticas públicas voltadas à formação continuada dificulta a consolidação de uma Educação Física culturalmente orientada. Além disso, a resistência de parte

do corpo docente à mudança de paradigma revela a necessidade de um processo formativo permanente, que permita compreender a amplitude e a profundidade dessa abordagem.

A superação dessas barreiras depende, portanto, da articulação entre políticas educacionais, formação docente e projetos pedagógicos críticos. É necessário que o ensino da Educação Física seja reconhecido como componente essencial à formação cidadã, e não como espaço recreativo ou secundário. A perspectiva cultural oferece um caminho potente para essa transformação, pois entende que a educação do corpo é, antes de tudo, uma educação do ser humano em sua totalidade.

Ao analisar as contribuições dos autores estudados, percebe-se que a Educação Física, em âmbito cultural, propõe uma verdadeira revolução epistemológica na área. Ela rompe com a ideia de corpo-objeto e institui o corpo-sujeito, produtor de cultura e de conhecimento. Essa mudança implica reconhecer que cada gesto, cada jogo e cada dança carregam uma história, uma identidade e uma visão de mundo. O papel da escola, portanto, é oportunizar o encontro entre essas diferentes experiências, possibilitando aos alunos compreender, reinterpretar e transformar a realidade por meio do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permite concluir que a Educação Física cultural constitui uma das mais relevantes contribuições teórico-metodológicas para o ensino da área na escola contemporânea. Ao compreender o corpo e o movimento como expressões culturais, essa abordagem rompe com a tradição tecnicista e biologicista que historicamente dominou o campo, propondo uma perspectiva humanizadora e crítica. O ensino, nesse contexto, não se limita à execução de gestos e técnicas, mas se transforma em um espaço de reflexão, diálogo e produção de sentidos.

A abordagem cultural propõe uma redefinição profunda da identidade da Educação Física escolar. O professor passa a ser reconhecido como mediador de culturas, e não como treinador ou aplicador de conteúdos prontos. Sua função é criar situações pedagógicas que favoreçam a leitura crítica das práticas corporais e estimulem a autonomia intelectual e emocional dos alunos. Essa postura docente requer sensibilidade para compreender a diversidade e intencionalidade para planejar experiências significativas.

Conforme discutido ao longo do texto, autores como Marcos Neira, Bracht, Darido, Betti e o Coletivo de Autores convergem na defesa de uma Educação Física comprometida com a emancipação humana e com a transformação social. Essa concepção considera o aluno como sujeito histórico, ativo e produtor de cultura, cuja aprendizagem se dá na interação com o mundo e com o outro. O corpo, nesse sentido, é linguagem e identidade; o movimento, meio de comunicação e resistência.

A Bncc (Brasil, 2018) corrobora essa perspectiva ao reconhecer as práticas corporais como produções culturais e ao propor que a Educação Física contribua para o desenvolvimento integral dos estudantes. Tal diretriz consolida a compreensão de que o corpo deve ser educado em sua totalidade — nas dimensões motoras, cognitivas, emocionais, éticas e estéticas. No entanto, a consolidação dessa abordagem na prática escolar ainda depende de políticas públicas que assegurem a presença do professor especialista, a formação continuada e a valorização do componente curricular.

Os desafios são expressivos, mas as possibilidades são igualmente potentes. A Educação Física cultural oferece caminhos para uma prática pedagógica que respeita a diversidade, promove a inclusão e fortalece a cidadania. Ao reconhecer o corpo como território de saberes, a escola se torna espaço de expressão, criação e liberdade. Assim, ensinar Educação Física é também ensinar a ler o mundo, a compreender o outro e a afirmar-se como sujeito de direitos e de cultura.

Conclui-se, portanto, que a Educação Física é mais do que uma metodologia: é um projeto de educação e de sociedade. Ela se insere em um movimento maior de reconstrução do papel da escola pública como espaço de transformação e justiça social. O professor que adota essa abordagem torna-se agente dessa mudança, ao mediar experiências que ampliam a consciência crítica, a sensibilidade estética e o reconhecimento da diversidade humana. Em tempos de padronização e superficialidade, reafirmar a Educação Física como prática cultural é reafirmar o compromisso ético da educação com a formação integral e emancipatória do ser humano.

REFERÊNCIAS

- Arnold, P. J. (1979). *Meaning in movement, sport, and physical education*. London: Heinemann.
- Betti, M. (2020). *Educação física escolar: fundamentos, reflexões e perspectivas*. São Paulo, SP: Cortez.
- Bracht, V. (1999). *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. Cadernos Cedes, 19(47), 69–88.
- Bracht, V. (2011). *Educação física & aprendizagem social*. Ijuí, RS: Editora Unijuí.
- Brasil. (2018). *Base Nacional comum curricular: bncc*. Brasília, DF: MEC.
- Coletivo de Autores. (1992). *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo, SP: Cortez.
- Darido, S. C. (2021). *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, SP: Cortez.
- Devís-Devís, J. (1996) *Educación física, deporte y currículum: investigación y desarrollo curricular*. Madrid: Visor.

- Evans, J. (2004). Making a difference? Education and ability in physical education. *European Physical Education Review*, p. 95- 108, v.10.
- Freire, J. B. (2020). *Educação de corpo inteiro*. Campinas, SP: Papirus.
- Kirk, D. (2010). *Physical Education Futures*. Abingdon: Routledge.
- Maldonado, D. T. (2024). Educação física escolar, pensamento freiriano e pedagogia crítico-libertadora. *Revista Educação Popular, Uberlândia*, v.24, n.1, p.39-59.
- Miranda, J. V. N.; Silva, C; Martis, R. P (2023). Inclusão na educação física escolar: um olhar sobre a diversidade. *Revista Intercontinental de gestão desportiva*, v.13, n.3, e110067.
- Neira, M. G. (2021). *Educação física cultural: fundamentos e práticas*. São Paulo, SP: Blucher.
- Neira, M. G., & Nunes, M. L. F. (2022). *Educação física cultural: coletânea de textos*. São Paulo, SP: Cortez.
- Pereira, P. P. S. N.; Silva, A. C.; Ludorf, S. M. A. (2022). *Corpo e prática pedagógica: diálogos entre dimensões pessoais e profissionais no ensino de educação física*. Educação e pesquisa, v.48.
- Tinning, R. (2010). *Pedagogy and human movement: theory, practice, research*. Routledge.